

## Fidelidade e Infidelidade nas Relações Amorosas: Padrões Discursivos

Maria Guilhermina Castro<sup>1</sup>, Gabrielle Poeschl<sup>2</sup> & Joaquim Luís Coimbra<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Católica Portuguesa

<sup>2</sup> Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Este estudo procurou compreender significados associados à fidelidade e à infidelidade nas relações amorosas. 226 pessoas responderam a um questionário, construído para o efeito, com perguntas abertas e fechadas. Os dados foram tratados através de análise automática de dados textuais, que os agrupou em seis classes, interpretadas como padrões discursivos. Três discursos associaram-se, reflectindo o posicionamento do sujeito face a uma situação de infidelidade: “Ser infiel”, “Ser traído” e “Moralista racional” (uma perspectiva externa face à infidelidade). Quanto à fidelidade, observou-se um discurso “Pró-relacional”, rico na diversidade de significados relacionais, e, em contraste, dois discursos sucintos e centrados na afirmação e nos motivos de ser fiel (“Sou sempre fiel.” e “Sou fiel aos valores”). Estes discursos diversos estiveram, tendencialmente, presentes no interior da mesma pessoa, como múltiplos “seres” dentro de nós.

*Palavras-chave:* fidelidade; infidelidade; amor.

### 1. INTRODUÇÃO

“Até que ponto as pessoas são infiéis?” é uma questão que provavelmente o leitor já se colocou algumas vezes. Este tema tem sido objecto de publicações científicas, aparentemente sem se encontrar uma resposta consensual. Desde os 1,5% de Smith (1991), aos 75% de Wiederman e Hurd (1999), uma miríade de valores são apresentados. Porquê esta disparidade? A primeira questão se coloca é a da diversidade na definição e respectiva operacionalização do conceito. Não apenas os autores usam indiferenciadamente várias noções como se fossem equivalentes (“*affair*”, “sexo extraconjugal”, “envolvimento extra-relacional”, “enganar”, etc.), como definem o mesmo termo de modos diversos e ainda o operacionalizam de modos diferentes. Blow e Hartnett (2005), numa revisão sistemática de investigação, referem o problema definicional como uma das críticas mais significativas nesta área, tal como já antes haviam notado Wiederman e Hurd (1999) e Thompson (1983). Se diferentes perguntas

são colocadas aos sujeitos, diferentes respostas serão obtidas: se os estudos partem das concepções específicas de cada investigador sobre o que é infidelidade, todos os restantes parâmetros de investigação encontram-se condicionados. A aparente discrepância na incidência de infidelidade revela, afinal, diferentes entendimentos do conceito, em ambos os planos, teórico e operacional (o comportamento-alvo, o período de tempo visado, etc.). O presente estudo considera que, mais do que desacordos face à incidência de infidelidade, tem sido prestada pouca atenção à clarificação e validação do constructo, à sua operacionalização e às variáveis contextuais envolvidas (como os procedimentos que conferem maior ou menor percepção do anonimato – variável essencial, dadas as atitudes negativas face à infidelidade).

Entre os diversos conceitos de infidelidade que os autores apresentam, qual se aproxima mais do entendimento das pessoas? Não são muitas as investigações que o procuraram saber. Roscoe, Cavanaugh e Kennedy (1988) fizeram-no com 247 estudantes universitários, inquirindo: “*What behaviours do you think constitute being “unfaithful” to a dating partner provided the couple is in a serious dating relationship (in other words, they have assumed that they are to date only each other)?*”. Surgiram, na maior parte, itens relativos à ausência de exclusividade (56,9% *dating*/passar tempo com outrem; 41,9% relação sexual; 39,8% contacto físico como beijar, acariciar, *flirt*; 10,2% estar emocionalmente envolvido com outro), mas também à mentira/omissão (17,1% guardar segredos do outro) e à traição da confiança (3,3%). Santos (1996) apresentou um estudo sociológico acerca de infidelidade conjugal, no qual pediu a 200 participantes residentes na Covilhã que dissessem que palavras “lhes vinham à cabeça” quando pensavam em infidelidade. Traição, divórcio, separação, mentiras, desamor, incompreensão, desrespeito, ódio, sexo, desconfiança, insegurança, problemas, infelicidade, aventura e insatisfação foram as palavras mais frequentemente referidas (por ordem decrescente). Note-se que algumas destas palavras coincidem com algumas consideradas nas definições da infidelidade existentes na investigação científica (traição, mentira, desamor, desconfiança) e outras são encontradas como consequências, pelos investigadores (divórcio, separação, problemas, infelicidade, insatisfação). É curioso observar que não aparecem palavras referentes à exclusividade, contrariamente ao estudo de Roscoe e colaboradores (1988). Esta diferença pode residir no facto de os últimos terem enfatizado, na pergunta, a exclusividade (o “*date*” ocorre exclusivamente

naquela relação), dando menos espaço para o entendimento do próprio sujeito sobre o que é “infidelidade” e o que entende por “uma relação séria”.

Uma outra questão que tem ocupado alguma investigação diz respeito aos motivos para a infidelidade. Alguns estudos foram levados a cabo, sobre a percepção de causas (reais ou imaginárias), emergindo como muito salientes questões relacionadas com a satisfação com a relação. A título de exemplo, Roscoe e colaboradores (1988) perguntaram aos participantes quais as razões pelas quais uma pessoa seria infiel, encontrando: 43,5 % insatisfação com a relação, 34,1% tédio, 25,6% vingança, raiva, ciúme, 19,9% estar inseguro/incerto da relação, 15,4% imaturidade e falta de investimento/empenho, 15% falta de comunicação e compreensão. Por seu turno, os motivos mais frequentemente referidos pelos participantes que “enganaram” os parceiros, no estudo de Feldman e Cauffman (1999) foram: 53% atracção sexual, 30% insatisfação sexual, 40% distanciamento físico do parceiro, 40% efeitos de substâncias (álcool e drogas). Também o Modelo do Investimento (Drigotas, Safstrong, & Gentilia, 1999) recolhe evidência da satisfação com a relação como fundamental para o investimento relacional, prevendo a fidelidade. Os homens homossexuais, que Worth, Reid e McMillan (2002) inquiriram em entrevistas, falaram de motivos para infidelidade (enquanto envolvimento extradiádico) tais como um desejo inato, o jogo de sedução, o desejo de sexo anónimo, o alívio sexual e a excitação. As motivações para envolvimento extradiádico podem ser agrupadas em dois tipos, segundo Thompson (1983): motivos positivos (como crescimento pessoal, motivos humanísticos e expressivos, necessidade de variedade relacional, igualdade nos papéis sexuais e independência emocional) e motivos de *deficit* (relacionados com a falta de algo na relação).

Por fim, constata-se que a literatura científica tem-se centrado, quase exclusivamente, na infidelidade. Os autores do presente estudo consideram fundamental compreender, não apenas a infidelidade, mas também a fidelidade, uma vez que uma só faz sentido na coexistência com a outra: importa compreender não apenas porque as pessoas são infiéis, mas também porque são fiéis. Como objectivos, procurou-se, pois, conhecer os entendimentos das pessoas, revelados no seu discurso sobre: (a) o que é a fidelidade nas relações amorosas, (b) o que é a infidelidade nas relações amorosas, (c) motivos para serem fiéis e (d) motivos para serem infiéis.

## **2. MÉTODO**

### **2.1. Participantes**

Foram inquiridos 231 sujeitos, que responderam anonimamente aos questionários; no entanto, quatro foram excluídos da análise por não terem nenhuma experiência de relações amorosas e um por esta informação não ser clara (as respostas dadas eram contraditórias), perfazendo um total de 226 participantes. Trataram-se, sobretudo, de adultos jovens (idade média de 29,1 anos e desvio padrão de 10,4 anos) e do sexo feminino (62,6%). Aproximadamente metade (50,5%) dos respondentes tem idades compreendidas entre 18-25 anos, grupo no qual a maioria (68,2%) é constituída por estudantes de ensino superior (47,3% homens e 52,7% mulheres). A outra metade dos participantes com idade superior (26-62 anos) compõe-se maioritariamente de indivíduos do sexo feminino (72%). Os inquiridos, na sua maior parte (72,8%), mantêm uma relação amorosa; 3,5% referem estabelecer mais do que uma relação amorosa na altura do inquérito e 23,7% dizem encontrar-se sem relação amorosa.

### **2.2. Instrumentos**

Com objectivo de explorar os significados que as pessoas associam à fidelidade e à infidelidade, foi construído um instrumento, a ser respondido por escrito. Foram formuladas perguntas abertas, que permitissem uma grande abrangência ao tema de modo a obter os significados salientes dos participantes sobre este assunto, de acordo com a abordagem exploratória adoptada neste estudo. Neste sentido, colocaram-se três questões relativas à fidelidade e três à infidelidade: F1 "Que palavras e expressões lhe surgem espontaneamente quando pensa em fidelidade nas suas relações amorosas (actualmente e no passado)?"; F2 "O que é para si a fidelidade?"; I2 "O que é para si a infidelidade?"; I1 "Que palavras e expressões lhe surgem espontaneamente quando pensa em infidelidade nas suas relações amorosas (actualmente e no passado)?"; P7 "Por que motivos é/foi fiel?"; P8 "Por que motivos é/foi infiel?". Outras questões incidiram em variáveis que se considerou poderem ter uma associação com os significados associados a fidelidade e infidelidade, nomeadamente: sexo, idade, estado relacional actual, número de relações amorosas ao longo da vida, profissão/ocupação e definição espiritual. Dada a sensibilidade e carácter íntimo do tema, associados a uma forte conotação moral, que levaram a considerar que os participantes poderiam manifestar alguma relutância ou dificuldade em se exprimir, introduziram-se duas

questões sobre o auto-relato da expressão presente nas suas respostas, sendo a primeira fechada (o nível de expressão numa escala de Likert de 5 pontos) e a segunda aberta (motivos desse nível de expressão).

### 2.3. Procedimentos

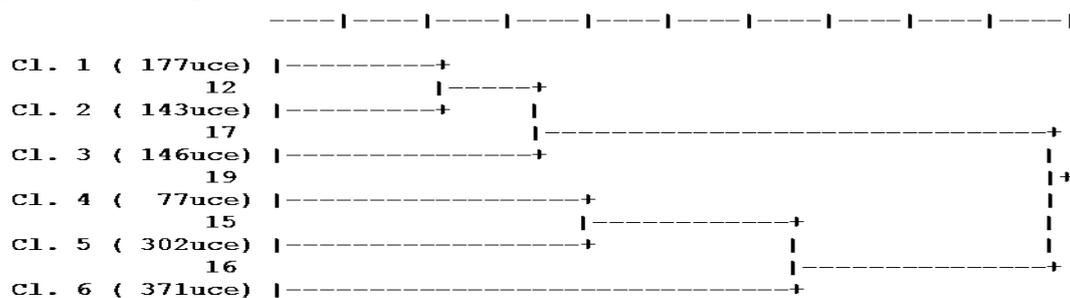
A amostra foi obtida por conveniência em diversas instituições da região Norte, predominantemente educativas (81,9%), nomeadamente de ensino superior, secundário e profissional. O instrumento foi administrado no local de trabalho (ou estudo) dos participantes, para resposta individual em papel e lápis, numa sala com os outros participantes. Cada sessão teve um número de participantes que variou entre 6 e 47. Para garantir o anonimato, a cada participante foi entregue um envelope, que se pediu para selar após colocar no seu interior os questionários respondidos. Cada grupo de questões foi administrado separadamente (e não em bloco), para assegurar a ordem de resposta. O sexo do administrador e a ordem das respostas foram balanceados.

## 3. RESULTADOS

As respostas dos participantes às questões F1, F2, I1, I2, P7 e P8, foram transformadas em palavras-chave, a partir de categorias encontradas por análise de conteúdo, com base na abordagem construtivista da *Grounded Theory* (Charmaz, 2000). A prévia análise de conteúdo permitiu fazer discriminações semânticas finas, conforme o contexto (por exemplo, “incompreensão” e “incompreensível”, poderão encontrar-se, respectivamente, nas categorias *ausência de compreensão* e *valores negativos*). Foram também incluídas palavras-chave relativas ao sujeito ao qual se refere a fidelidade ou a infidelidade (*sujeito\_próprio*, *sujeito\_parceiro*, *sujeito\_abstracto*, *sujeito\_relação...*); por exemplo, a frase “[A infidelidade] felizmente nunca entrou nas minhas relações” foi codificada em *sujeito\_relação*, uma vez que se refere à relação, sem especificar o indivíduo. A análise de conteúdo permitiu identificar também as relações que os inquiridos estavam a articular entre os conteúdos (*associação livre*, *delimitação do conceito*, *tipos*, *pressuposições*, *demonstrações...*), bem como as verbalizações sobre a fidelidade (*ser fiel*) ou infidelidade (*ser infiel*) de um sujeito. Os dados proporcionaram informações sobre se o próprio indivíduo foi sempre fiel (*Fid\_f*) ou se alguma vez foi infiel (*Fid\_i*). As palavras ferramenta (artigos, preposições...) foram eliminadas.

Procedeu-se a uma Análise Automática de Dados Textuais, com o programa Alceste (versão 4.5), que quantifica o *corpus* de texto e efectua uma classificação hierárquica descendente, baseada na distância do qui-quadrado. O *corpus* de texto foi composto por 1289 Unidades de Contexto Elementares (UCE), correspondentes às respostas dos sujeitos (o total não completou 1356 – seis respostas por sujeito – devido às respostas omissas). A média de palavras que compõem as UCE foi de 6.11. A análise incluiu também os dados do sujeito e do contexto de investigação, que, no âmbito desta análise, foram designados de “informações sobre as UCE”. Entre as 1289 UCE, 1129 foram classificadas, o que representa 94.34% do material recolhido. Das 8251 palavras que compõem o *corpus*, 456 são formas lexicais distintas, dentro das quais 225 aparecem apenas uma vez. A frequência das formas varia entre 1 e 938, sendo a frequência média de 18. As formas distintas dividem-se em 294 palavras-estreladas (correspondentes às informações sobre as UCE) e 165 palavras-reduzidas (que correspondem às respostas dos inquiridos). Nenhuma palavra foi classificada como palavra-ferramenta, visto que, na análise de conteúdo anterior já se havia procedido à transformação do texto em palavras-chave. A análise de classificação hierárquica levou a uma partição das formas reduzidas em seis classes, como se observa no dendrograma.

Figura 1 - *Dendrograma*



O dendrograma evidencia dois grandes agrupamentos de classes, que, como se pode verificar na descrição das classes, correspondem à infidelidade (classes 1, 2 e 3) e à fidelidade (classes 4, 5 e 6). No caso da infidelidade, as classes 1 e 2 são as que se encontram mais associadas entre si e na fidelidade, são as classes 4 e 5. De um modo geral, as classes relativas à infidelidade encontram-se mais associadas entre si do que as classes relativas à fidelidade. Nas tabelas 1 e 2 apresentam-se as palavras associadas a cada classe, com valor de qui-quadrado igual ou superior a 25.00.

Tabela 1 – Composição das classes relativas à infidelidade, encontradas na AADT

<b>Classe 1.</b> 14.56%; 177uce		<b>Classe 2.</b> 11.76%; 143uce		<b>Classe 3.</b> 12.01%; 146uce	
	$\chi^2$		$\chi^2$		$\chi^2$
*Quest_I2	451.44	Ser_infiel	215.88	*Quest_II	525.29
Infidelidade	202.75	Infidelidade	171.37	Ódio	207.51
Desrespeito	167.75	Sexo	145.18	Traição	203.36
Sujeito_abstracto	132.00	Desejo	113.63	Dor	196.43
Valor_negativo	123.33	Descoberta_		Tristeza	165.00
Não_compromisso	104.41	_novidade	75.45	Desilusão	110.03
Não_exclusividade	102.13	*Quest_P8	73.56	Mentira	96.43
Não_revelação	93.06	Insatisfação	69.18	Falta_de_	
Relação_abstracta	47.87	*Fid_i	66.71	_personalidade	72.57
Mentira	47.09	Dúvida	54.65	Desrespeito	69.94
Traição	43.03	Efêmero	50.75	Desconfiança	69.51
Não_amor	41.29	Não_exclusividade	46.43	Insegurança	59.40
Desconfiança	32.37	Pouco_importante	45.25	Baixo_valor_próprio	51.67
Complexidade_		Prazer	41.83	Fim	44.12
do_conceito	28.66	Imaturidade	28.43	Irresponsabilidade	43.44
Delimitação_		Impensado	28.11	Distanciamento	36.80
_do_conceito	26.84	Não_gostar	28.11	Rebaixamento	36.64
Tipos_		Não_sentimentos_		Deslealdade	34.27
fisico_psicológico	26.67	_amorosos	25.30	Não_perdão	30.04
				Angústia	29.41
				Frustração	29.41
				Nojo	29.04
				Ciúme	25.64

Tabela 2 - Composição das classes relativas à fidelidade, encontradas na AADT

<b>Classe 4.</b> 6.33%; 77uce		<b>Classe 5.</b> 24.84%; 302uce		<b>Classe 6.</b> 30.51%; 371uce	
	$\chi^2$		$\chi^2$		$\chi^2$
Valores_positivos	305.30	Ser_fiel	701.94	*Quest_F1	455.87
Valores_geral	326.47	Sujeito_próprio	445.76	Confiança	313.40
Relação_com_		*Quest_P7	370.27	*Quest_F2	237.29
_si_próprio	103.20	Sempre	319.49	Amor	197.26
Importante	52.82	Fidelidade	301.26	Respeito	199.59
Ser_fiel	51.61	*Quest_P8	138.93	Verdade	187.30
Fidelidade	44.85	Relação	60.76	Amizade	131.30
*Quest_P7	43.57	Ausência_		Compreensão	114.50
Sociedade	38.27	de_motivos	28.83	Companheirismo	100.58
Educação	37.01			Carinho	51.08
União	30.05			Calma	48.67
Sujeito_próprio	29.47			Condição_	
Moral_ética	25.89			_pressupostos	47.80
				Partilha	46.58
				Felicidade	42.62
				Segurança	41.61
				Fidelidade	40.66
				Lealdade	39.89
				Reciprocidade	39.89
				Apoio	37.55
				Comum	31.23
				Entrega	30.01



Classe 4, ambas centradas no relato de fidelidade. Por outro lado, nos valores superiores, estão sobretudo as respostas a F1 e F2, agrupadas na Classe 6, rica em significados pró-relacionais. O eixo vertical poderá reflectir predominantemente uma diferença entre as respostas às questões P7 e P8 (centradas na experiência de ser fiel do participante) e os significados associados à fidelidade (que surgem sobretudo na resposta às restantes perguntas).

## 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1. Padrões discursivos

#### Classe 1: “Moralista racional”

Neste agrupamento de ideias parece haver uma referência à infidelidade de um ponto de vista abstracto (*sujeito\_abstracto* e *relação\_abstracta* evidenciam que o alvo da resposta é o indivíduo em geral). São apreciações sobre a infidelidade dos “outros”, enquanto perspectiva abstracta de significado público, não como significado pessoal ou relativo a um “outro” próximo (não surge a referência a si próprio; a referência ao parceiro aparece com valores de qui-quadrado muito inferiores). Portanto, encontramos aqui a ideia de que “infiéis são os outros”, com uma atribuição de valores negativos, numa voz que diria “infidelidade é mau”. Existe uma proximidade dos conteúdos usados pelos autores que têm publicado neste domínio, nomeadamente, a ausência de exclusividade, a quebra no compromisso, a traição, a mentir, a ausência de confiança e a ausência de amor. Dado que surgem em grande parte como resposta à questão I2 “O que é para si a infidelidade?”, podemos encontrar aqui algumas abordagens ao conceito de infidelidade. De facto, avançando um pouco mais para os outros itens com cotações médias, encontramos referências à *complexidade do conceito*, à *delimitação do conceito* e à categorização (distinguindo os *tipos físico e psicológico*). O respeito, apesar de ser um dos três conteúdos mais frequentemente enunciados nos questionários a propósito da infidelidade, aparece, no entanto, como excepção à tendência de similaridade desta classe com a literatura neste domínio (que não refere este conteúdo).

#### Classe 2: “Ser infiel”

Esta classe parece reportar-se a um nível mais pessoal. O *ser infiel* indica que a pessoa está a falar de um acto e implica necessariamente um sujeito (enquanto que *infidelidade* se refere ao discurso genérico sobre o tema). Aparece associada às pessoas

que referem ter tido alguma vez na vida uma experiência de infidelidade (*Fid\_i*). A resposta predominante a P8 (“Porque motivos é/foi infiel?”), leva a encarar os conteúdos, tendencialmente, como motivações para infidelidade, possivelmente tida como *não\_exclusividade*: maior peso têm aqueles conteúdos que parecem centrados na relação extradiádica (sexo, desejo, descoberta/novidade, prazer), seguindo-se outros que parecem reportar-se à relação que está a ser alvo de infidelidade (insatisfação, dúvida, reduzida importância da relação e ausência de sentimentos amorosos). Assim, a infidelidade evidenciará sobretudo que a pessoa tem desejo por outrem, procura a novidade, procura divertir-se, podendo também revelar insatisfação ou ausência de sentimentos amorosos na relação-alvo. Pela análise dos questionários-tipo, vemos que as pessoas falam da imaturidade reportando frequentemente a infidelidade à juventude ou adolescência, tempos em que, provavelmente, aqueles conteúdos eram mais dominantes no seu funcionamento psicológico.

### Classe 3: “Ser traído”

Também esta classe parece reportar-se a um nível mais pessoal de significados, sendo dominantes os sentimentos de mal-estar (ódio, dor, tristeza), conforme a literatura no domínio. Se descermos um pouco nos valores de qui-quadrado, encontramos uma série de significados que apontam para sentimentos de desvalorização de si próprio (baixo valor próprio, insegurança, rebaixamento). Surgem também, com elevadas associações, os significados mais frequentemente associados à infidelidade – traição, mentira e desrespeito. A elevada presença da *traição* nesta classe, comparativamente com a *infidelidade*, parece surpreendente. Uma interpretação é que, possivelmente, traição será uma palavra de conteúdo emocional mais intenso do que infidelidade: a pessoa que se refere como infiel não o vive enquanto traição, contrariamente à pessoa que foi alvo de infidelidade (talvez porque para a primeira, não seja efectivamente tão intenso como para a segunda). Uma outra interpretação pode ser feita atendendo à formulação da pergunta (*Quest\_II*): quem responde em associação livre, provavelmente, não repete a palavra-estímulo. A irreversibilidade encontra-se presente (fim e ausência de perdão), indo ao encontro da literatura que refere a ruptura nas relações amorosas como uma frequente consequência da descoberta da infidelidade (*e.g.*, Charny, & Parnass, 1995). Aparece ainda a referência ao ciúme, mas é curioso observar que, contrariamente às classes anteriores, não se fala em exclusividade (ou

ausência dela). Poderíamos pensar que também aqui faz sentido a afirmação “infiéis são os outros”, porém esta classe parece dizer algo diferente: quando se trata do nosso caso (e o “outro” é o “nosso” parceiro), é uma traição. E, na verdade, não importa muito quem a fez, mas sobretudo que nos foi infligida. A única referência que surge ao sujeito de infidelidade é *sujeito\_relação* (embora com qui-quadrado baixo), revelando a presença de infidelidade na relação (sem haver uma especificação sobre um indivíduo). Como se trata da resposta a uma questão de associação livre, esta será provavelmente a abordagem imediata com que as pessoas se relacionam com o tema: sentem-se traídas. Portanto, numa primeira instância não identificamos a infidelidade como algo nosso: fazemo-la equivaler a uma traição que nos é infligida, centrando-nos nos sentimentos de dor que ela nos causa (mais do que no parceiro e na relação, eventualmente porque o nosso parceiro é, de algum modo, “eu” e não “outro”, pelo que não se trata de uma abordagem externa como a da classe 1).

#### Classe 4: “Sou fiel aos valores”

Nesta classe vemos uma acentuação moral positiva (a fidelidade como valor e como *importante*), aliada à afirmação de que se é fiel. Analisando os questionários-tipo, observa-se uma referência explícita a valores e princípios da própria pessoa (*relação\_com\_si\_próprio*), justificativos da fidelidade. Que valores são estes? A própria fidelidade. Quando vemos os conteúdos com valores de qui-quadrado mais baixos, encontramos referências genéricas à educação, à sociedade e à moral, o que faz questionar a primeira asserção, isto é, parece tratar-se do “moralizado”: alguém que acredita genuinamente nos valores que lhe ensinaram e rege-se por eles, mas nunca os questionou (nesse sentido, serão “seus”?). Temos aqui uma internalização de significados educacionais e culturais, ao nível dos valores, e um vazio ao nível de significados individuais.

#### Classe 5: “Sou sempre fiel”

As pessoas dizem que são e foram sempre fiéis, como evidenciam os conteúdos *ser\_fiel*, *sujeito\_próprio*, *sempre* e *fidelidade*, sobretudo quando se pergunta porque motivos foram fiéis ou infiéis (*Quest\_P7* e *Quest\_P8*). A pessoa é fiel porque não tem motivos para ser infiel (*ausência\_de\_motivos*). Com reduzido número de itens, esta classe não permite ir muito mais longe em termos de significados: sugere que dizer

“Sou sempre fiel” se basta a si próprio. Note-se que, devido à transformação das expressões de negação em afirmações, efectuada na categorização (análise de conteúdo), a resposta “nunca fui infiel” (encontrada com muita frequência em P8), é codificada em *sujeito\_próprio, ser, sempre e fiel*. Assim, elas podem pesar de tal modo na classe que obscurecem associações com outros eventuais conteúdos.

#### Classe 6: “Pró-relacional”

Esta parece ser uma classe de significados com forte pendor afectivo pró-relacional, como confiança, amor, respeito e verdade, que são também os conteúdos mais referidos pelo total dos participantes, a propósito da fidelidade. Logo a seguir surge uma diversidade de outros conteúdos pró-relacionais, como compreensão, companheirismo, carinho, partilha, reciprocidade e apoio. Nesta classe encontramos também sentimentos de felicidade e bem-estar. Contrariamente à classe 3, em que o prazer se associava à novidade, aqui, o bem-estar parece associado à calma e à segurança, evidenciando que, no primeiro caso se trata de sentimentos positivos que advêm de um comportamento exploratório e no segundo, da segurança e conforto do conhecido. De modo análogo, na classe 3 a associação é feita com o sexo (e o prazer), enquanto aqui é com o amor (e a felicidade). Porque surge predominantemente por associação de ideias (F1), esta classe poderá transmitir os significados que as pessoas associam, de imediato, à fidelidade, mas também reflectir o que é para as pessoas a fidelidade (por resposta a F2) e identificar ainda os pressupostos que estão na base da relação (*condição\_pressupostos*).

#### **4.2. Entendimentos sobre o que são a fidelidade e a infidelidade**

Os inquiridos manifestaram diferentes entendimentos sobre a fidelidade e sobre a infidelidade, nas diversas classes. Usando uma abordagem conceptual, os participantes exprimiram a infidelidade de modo *delimitativo* (distinguindo os comportamentos que são dos que não são considerados fidelidade e infidelidade) e *categorial* (referindo tipos de infidelidade). Estas abordagens ao conceito, associadas à classe 1, parecem retratar um posicionamento analítico e externo (eventualmente mais racional, na medida em que envolve o raciocínio abstracto), concordante com aquilo que numa primeira instância social seria esperado como resposta “objectiva” e “neutra”. Ainda assim, verificou-se uma multiplicidade de conteúdos que, presumivelmente, preenchem aquelas abordagens

de exploração do conceito, entendido como desrespeito, quebra do compromisso, ausência de exclusividade, mentira, etc.

Entendimentos de outro cariz surgiram, não menos salientes, pelo contrário. Trata-se de significados tais como a larga valoração moral negativa da infidelidade, o prazer e a dor (o bem-estar e o mal-estar associados ao “Ser infiel” e o mal-estar associado ao “Ser traído”) e a ausência de identificação com a infidelidade (os participantes, como tendência imediata em associação livre, colocaram-se no papel da pessoa que foi traída; acresce que, quando os respondentes referiram ter sido infiéis, remeteram-nos para a sua imaturidade passada, como se de “um outro que fui outrora” se tratasse).

Na fidelidade, observámos uma valoração moral positiva (“Sou fiel aos valores”), a identificação com o ser fiel (organizadora de um discurso “Sou sempre fiel”) e o bem-estar. A questão “O que é, para si, a fidelidade?” foi predominantemente respondida com conteúdos pró-relacionais, organizados em pressupostos relacionais (que parecem traduzir as expectativas, os alicerces, o compromisso da relação).

### **4.3. Motivos para ser fiel e para ser infiel**

Podemos inferir as motivações dos participantes através das respostas incitadas pela formulação das perguntas P7 e P8, que se revelaram salientes para a fidelidade (sobretudo nas classes “Sou fiel aos valores” e “Sou sempre fiel”) e para a infidelidade (sobretudo na classe “Ser infiel”). Como se observou, aquelas classes relativas à fidelidade são pobres em significados. Porque se é fiel? É-se fiel porque não se tem motivos para ser infiel. Ser fiel não é algo que se faz activamente. Ser fiel caracteriza-se pela ausência de algo. Portanto, ser fiel é definido como negação (não ser infiel). É-se fiel por uma questão de valores e porque nos foi ensinado. No entanto, também aí encontramos um vazio, uma vez que não sabemos que valores são esses – a fidelidade em si parece ser o valor. Assim, para o lado da fidelidade parece pesar o controlo social, mediado pela internalização de valores, como a fidelidade *per se*. Estarão, talvez, subjacentes motivações como o valor próprio (pela identificação pessoal com o que é considerado positivo) e a ligação (ou pertença) a uma sociedade (pela apropriação dos valores morais veiculados sócio-educacionalmente). Para a infidelidade, surgiram conteúdos como a exploração do desconhecido (novidade), o desejo sexual, a insatisfação e a reduzida importância da relação. Assim, como refere Thompson (1983),

os motivos para a infidelidade podem ser de *deficit*, neste caso, problemas e insatisfação com a relação (isto é, a fuga à dor, nem que seja a dor lenta da insatisfação), mas também motivos positivos, de descoberta e busca do prazer.

#### **4.4. Fidelidade e Infidelidade**

Fidelidade e infidelidade parecem organizar-se em lógicas diferentes. Apesar de estarem presentes bastantes conteúdos em espelho (por exemplo, verdade/mentira), a sua frequência e peso não são sempre equivalentes para os dois pólos. A este respeito, não será surpreendente, pelo contrário, fazer notar a concepção de Kelly (1955), segundo a qual existe uma idiosincrasia psicológica na composição da polaridade de um constructo. Por exemplo, para um inquirido, a fidelidade foi referida como compreensão mútua, enquanto a infidelidade já estava associada ao compromisso (ideia que não referiu a respeito da fidelidade). Analogamente, os discursos sobre fidelidade e infidelidade estruturam-se de modo diverso. Os significados associados à infidelidade parecem depender largamente da posição em que o participante se coloca (observador externo, infiel ou traído), cada uma das quais é enriquecida com significados próprios. Inversamente ao que acontece com a infidelidade, a fidelidade parece reportar-se sempre ao respondente. Devido à conotação moral destes conceitos, poderá estar aqui presente uma motivação para manter uma imagem positiva de si: a fidelidade é associada ao eu. Na fidelidade, a dissociação ocorre entre a experiência do ser fiel (classes pobres semanticamente) e um grande conjunto de significados orientados em prol da relação, que parecem estruturar os seus pressupostos.

#### **5. CONCLUSÕES**

Apesar de se ter observado alguma oposição simétrica entre fidelidade e infidelidade, elas distinguem-se, aparecendo com particularidades que fazem com que não possam ser consideradas linearmente como contrárias. Esta análise é particularmente relevante na medida em que enfatiza a necessidade de estudar a fidelidade, que, de um ponto de vista psicológico, não pode ser deduzida a partir da mera negação da infidelidade. Contrariamente ao que tem sido habitual na literatura científica, dispomos de dados que nos permitem observar a fidelidade: se o *ser fiel* se caracterizou por uma ausência, os respondentes exprimiram o seu entendimento sobre a

*fidelidade*, associando-a aos pressupostos da relação, como uma textura relacional de base – uma constante de cuja existência muitas vezes não nos apercebemos.

Nos entendimentos dos inquiridos sobre a infidelidade estiveram presentes diversas abordagens conceptuais, similarmente ao que faz a investigação científica quando procura uma definição. Os resultados deste estudo abrem a conceptualização para entendimentos de cariz mais pessoal, vivencial, emocional, que emergiram com elevada saliência (como o valor moral, o bem-estar/mal-estar...), pelo que parece inevitável contemplá-los nos constructos de fidelidade e de infidelidade. Assim, do ponto de vista deste estudo, a opção, na comunidade científica, por uma conceptualização que reúna consenso ganhará em utilizar uma aproximação multidimensional aos constructos.

As classes encontradas podem ser entendidas como constelações de significados (Kelly, 1955), que frequentemente coexistem na mesma pessoa, de múltiplas formas possíveis (o que não obsta a que possa haver um predomínio de uma delas). O facto do tipo de discurso mudar significativamente consoante a pergunta feita, parece indicador disso mesmo: uma pessoa pode começar por se identificar com “Ser traído” quando lhe pedem para dizer livremente o que associa à infidelidade, passando para “Moralista racional”, quando lhe perguntam o que é a infidelidade e assume uma postura exterior e distanciada, dizendo em seguida que “Sou sempre fiel” quando lhe perguntam porque motivos é fiel e por fim, lembrando-se dos tempos de juventude, responde com o padrão “Ser infiel”, para explicar porque o fez. Mais do que diferentes tipos de pessoas, com diferentes tipos de funcionamento, parecem haver discursos que coexistem dentro da mesma pessoa, como múltiplos “seres” dentro de nós.

### **CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA**

Maria Guilhermina Castro, Universidade Católica Portuguesa, Rua Diogo Botelho 1327, 4169-005, Porto  
mcastro@porto.ucp.pt

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Blow, A. J., & Harnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216.

- Charmaz, K. (2000). Grounded theory: Objectivist and constructivist methods. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 509-535). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Charny, I. W., & Parnass, S. (1995). The impact of extramarital relationships on the continuation of marriages. *Journal of Sex and Marital Therapy, 21*(2), 100-115.
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*(3), 509-524.
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999). Sexual betrayal among late adolescents: Perspectives of the perpetrator and the aggrieved. *Journal of Youth and Adolescence, 28*(2), 235-258.
- Kelly, G. A. (1955). *The psychology of personal constructs*. New York: Norton.
- Roscoe, B., Cavanaugh, L. E., & Kennedy, D. R. (1988). Dating infidelity: Behaviors, reasons and consequences. *Adolescence, 23*(89), 35-43.
- Santos, F. (1996). *Infidelidade conjugal: Classe social e género*. Tese de Mestrado em Sociologia da Família, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Smith, T. W. (1991). Adult sexual behavior in 1989: Number of partners, frequency of intercourse and risk of AIDS. *Family Planning Perspectives, 23*, 102-107.
- Thompson, A. (1983). Extramarital sex: A review of the research literature. *The Journal of Sex Research, 19*, 1-22.
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships, 16*(2), 265-274.
- Worth, H., Reid, A., & McMillan, K. (2002). Somewhere over the rainbow: Love, trust and monogamy in gay relationships. *Journal of Sociology, 38*(3), 237-253.